



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A TROCA DE SABERES: A EXPERIÊNCIA DA GINÁSTICA PARA TODOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA BAÚ

Ramona Ramalho de Souza Pereira¹¹⁶

ramonasouza98@gmail.com

Romulo Fernandes Antonaccio¹¹⁷

romulo.antonaccio@ufvjm.edu.br

Priscila Lopes¹¹⁸

priscalopes@usp.br

Dentre as atividades desenvolvidas na educação universitária, destacamos a extensão, a qual se refere à processos que possibilitam a comunicação entre os saberes científico e popular (GADOTTI, 2017). Ocorre por meio da interação com a sociedade, viabilizando a materialização dos conhecimentos já produzidos (ensino), por meio da intervenção na realidade e fornecendo referências para a produção do saber (pesquisa), por meio de problemas reais vivenciados na sociedade (DALCIN; AUGUSTI, 2016; TAUCHEM; FÁVERO, 2011). Não está à parte do ensino e da pesquisa, mas influencia ambos intercruzando conhecimentos e saberes da universidade e da sociedade (GADOTTI, 2017). Freire (1985) e Santos (2008) criticam o desenvolvimento da extensão como uma atividade assistencialista e defendem a ideia de que ao invés de estender à sociedade o conhecimento produzido pela universidade, as ações de extensão devem promover o diálogo entre os saberes científico (aquilo que a universidade produz) e os saberes leigos (populares, tradicionais, urbanos, camponeses, de outras culturas não ocidentais – indígenas, africana, etc.), possibilitando à pesquisadores, estudantes e grupos de cidadãos o compartilhamento entre os saberes de forma que a universidade se torne um espaço público de interconhecimento. É nesta perspectiva que o projeto de extensão Grupo de Ginástica de Diamantina (GGD) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) é desenvolvido. Fundamentado pelos princípios da Ginástica Para Todos (GPT), o GGD tem como um de seus objetivos construir coreografias temáticas, as quais são elaboradas pelos integrantes do grupo de forma coletiva, colaborativa e democrática (LOPES; BATISTA; CARBINATTO, 2017). Quando abordam a cultura popular, Fátima e Ugaya (2016) sugerem que o processo de produção coreográfica envolva uma análise mais profunda sobre o tema. Faz-se necessário imergir no ambiente onde a manifestação é originária em busca de informações e experiências que permitam aos integrantes do grupo entenderem a expressão de forma mais intensa, possibilitando a captação de elementos que favoreçam uma representação mais fiel à realidade tematizada. Dentre as estratégias do GGD para o processo de imersão sobre o tema coreografado, destacamos o momento da visita técnica, o qual também é propício para uma troca de saberes de forma enriquecedora. Sendo assim, este estudo tem como objetivo relatar a experiência de uma visita técnica realizada na Comunidade Quilombola Baú, localizada no município de Araçuaí, Minas Gerais, que teve como finalidade aproximar os integrantes do GGD da cultura quilombola como parte do processo de investigação para uma produção coreográfica que tematizou a cultura preta. Os membros da Comunidade Quilombola Baú desenvolveram diversas ações para os integrantes do GGD, quais sejam: apresentações artísticas (Batuque, dança afro, canto e dança de

¹¹⁶ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

¹¹⁷ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

¹¹⁸ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) / Universidade de São Paulo (USP).



mulheres da comunidade), roda de conversa, momentos coletivos de alimentação, visitas aos espaços da comunidade (casas, horta, curral, locais de oração, etc.) e festejos. Em contrapartida, os integrantes do GGD ofertaram uma oficina de GPT para crianças, jovens e adultos da comunidade. Com base nos fundamentos da GPT propostos por Toledo, Tsukamoto e Carbinatto (2016), planejamos a oficina dividida em cinco estações com diferentes atividades: 1) jogos teatrais – brincadeiras de apresentação pessoal envolvendo ritmo, criação e contação coletiva de história imaginária; 2) atividades circenses – malabares com lenços; 3) padrões básicos de movimentos gímnicos – rolamentos para frente e para trás; 4) utilização de materiais – deslocamentos em pernas de pau; 5) ginástica acrobática – figuras acrobáticas coletivas. Acreditamos que o desenvolvimento desta oficina foi de suma importância para o processo de investigação sobre o tema cultura preta, objetivo principal da visita técnica. Por se tratar de uma prática coletiva, colaborativa e democrática, a vivência da GPT possibilitou um contato mais próximo entre os membros da Comunidade Quilombola Baú e do GGD, pois, diferente das demais atividades realizadas durante a visita, a ginástica fez com que pessoas de realidades distintas se unissem para solucionar desafios propostos pela prática gímnica, estabelecendo um diálogo de maneira integral entre estes sujeitos. A oficina auxiliou os integrantes do GGD a compreenderem de forma mais aprofundada a cultura corporal dos membros da comunidade, uma vez que puderam ter contato com as habilidades motoras das pessoas, para além daquelas observadas nas apresentações artísticas realizadas durante a visita técnica. Por fim, acreditamos que as diferentes vias pelas quais estabelecemos contato com este espaço social contribuiu para uma reflexão crítica sobre a realidade quilombola, fator que favoreceu o entendimento sobre o contexto no qual estão inseridos e a situação vivida pela comunidade, nos permitindo recolher informações essenciais para a construção coreográfica. Desta forma, consideramos que a ação de extensão desenvolvida por meio desta visita técnica atendeu os pressupostos da dialogicidade e da troca de saberes apontados pela literatura (DALCIN; AUGUSTI, 2016; FREIRE, 1985; GADOTTI, 2017; SANTOS, 2008; TAUCHEM; FÁVERO, 2011).

Palavras-chave: *Extensão universitária; Troca de saberes; Oficina de Ginástica; Ginástica Para Todos.*

Referências:

- DALCIN, L.; AUGUSTIN, R. B. O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como paradigma de uma universidade socialmente referenciada. **Revista Elos, diálogos em extensão**. v.5, n.3, dez 2016.
- FÁTIMA, C. V.; UGAYA, A. S. Ginástica Para Todos e pluralidade cultural: movimentos para criar novos pensamentos. In: OLIVEIRA, M.; TOLEDO, E. (orgs.) **Ginástica para Todos: possibilidades de Formação e Intervenção**. Anápolis: UEG, 2016.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Disponível em: http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Livro_P_Freire_Extensao_ou_Comunicacao.pdf. Acesso em: 30 de Abril de 2018.
- GADOTTI, M. **Extensão Universitária: Para quê?** 17 fev 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-universitaria-para-que> Acesso em 28 mai 2018.
- LOPES, P; BATISTA, M. S.; CARBINATTO, M. V. Ginástica para Todos e arte: diálogos possíveis na extensão universitária. In: Congresso de Ginástica Para Todos de Dança no Centro-Oeste, Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2017.
- SANTOS, B. S. Do conhecimento universitário ao conhecimento pluriversitário. In: SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. (orgs.). **A Universidade no século XXI: para uma universidade**



VIII Congresso de Ginástica Para Todos

7 a 9 de novembro - Caldas Novas - Goiás - Brasil

Ecos da história: territorialização da GPT no Brasil

nova. Coimbra: Edições Almedina, 2008.

TAUCHEN, G.; FÁVERO, A. O princípio da indissociabilidade universitária: dificuldades e possibilidades de articulação. **Linhas Críticas**, v.17, n.33, mai/ago 2011.

TOLEDO, E.; TSUKAMOTO, M. H. C.; CARBINATTO, M. V. Fundamentos da Ginástica Para Todos. In: NUNOMURA, M. **Fundamentos das ginásticas**. 2ª ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.